

Perelman alça vôo

Saxofonista
lança selo e
discos novos

H A um brasileiro na corte do (free) jazz americano. Embora ainda não tenha sido convidado para o festival brasileiro homônimo de vanguarda jazzística (e da marca de cigarros), o saxofonista paulista Ivo Perelman, 34 anos, radicado nos Estados Unidos desde 1981, consolida seu nome neste nicho de mercado fino a golpes de audácia.

Depois de dois discos, que arrancaram elogios de revistas especializadas como *Down Beat*, *Jazziz* e do jornal *New York Times*, Ivo ataca em três frentes de uma só vez. Abre um selo, o *Disil*, com o disco *Soccer land* (*País do futebol*), gravado aqui durante a última Copa do Mundo, e, a convite de Gunther Schuller, recicla fragmentos musicais do erudito brasileiro Villa-Lobos (1887-1959) em *Man of the forest* (*O homem da floresta*) com um grupo de jazz. Também na etiqueta GM do compositor e regente alemão. A idéia dos dois discos e do selo me vieram durante a Copa. Estava no Brasil e senti quanto o futebol e a música — as duas coisas pelas quais o país é conhecido no mundo — refletem

essa alma e espírito", constata.

O nome do selo, Ibeji, incluído no disco anterior do saxofonista (*Children of Ibeji*), não foi tirado por acaso de uma entidade do candomblé iorubano que representa as crianças. "Quero estar sempre apto a me expressar com a liberdade e a inconsciência delas, dentro de uma pureza fora dos padrões comerciais", prega. Este risco, Perelman — um garoto prodígio que aos 9 anos já estudava violão clássico e depois passou pelo piano, violino, cello, trombone e flauta — não corre. Apesar de tripular o sax, instrumento glamourizado pela propaganda *yuppie*, seu sopro estertorado, às vezes entre o uivo e o guincho, jamais será confundido com a estética *clean* de um David Sanborn ou seus subprodutos *rayconniffianos* Kenny G e Najee.

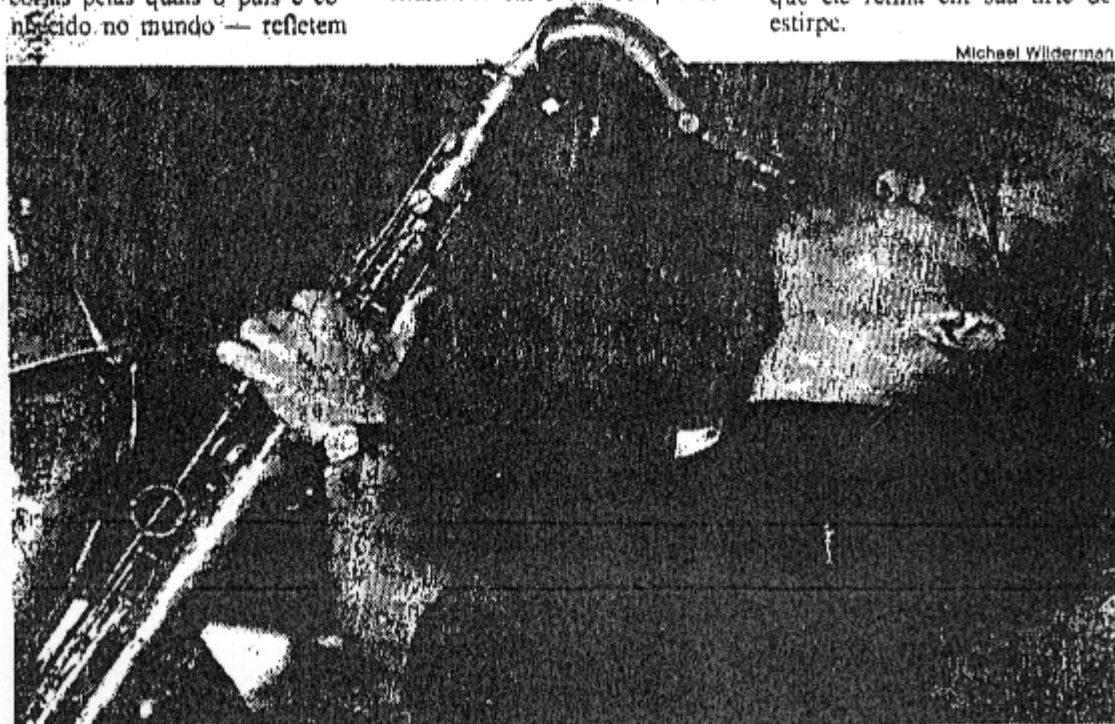
Ivo ouviu muito John Coltrane, Sonny Rollins, Dexter Gordon e o brasileiro Victor Assis Brasil, além de estudar em Nova Iorque e no célebre Berklee College de Boston. Mas seu sopro cambiante, de lirismo áspero, lembra Albert Ayler, uma influência que começa a abandonar nos dois discos com lançamento previsto para dia 28, nos EUA e importadoras brasileiras.

Em *Man of the forest*, ao lado de jazzistas como Joanne Brackeen (piano), Billy Hart (bateria) e a percussão de brasileiros radicados em Nova Iorque co-

mo Naná Vasconcellos, Cyro Baptista, Guilherme Franco e Duduka da Fonseca, além do mitológico pianista Don Salvador (numa participação ao acordeon), Ivo desconstrói Villa-Lobos. Ou melhor, utiliza trechos de clássicos do autor das *Bachianas* "como ponto de partida para uma terceira corrente", como ensina no encarte.

Cantiga Caicó (que chegou a ser gravada por Milton Nascimento num clima de cantochão) ganha um compasso de baião. *Veleiro* flutua num clima jazzístico, enquanto *Rasga o coração* secreta um romantismo chorão nas entrelinhas do sax esgarçado. Mas o caos dissonante da faixa título certamente tiraria dos trilhos o compositor de *Trenzinho do caipira*. Em *Soccer land*, que divide com o baterista José Eduardo Nazário (ex-Hermeto Pascoal e Egberto Gismonti), Ivo faz um *looping* igualmente iconoclasta sobre a MPB. Viaja dos temas caipiras (*Tristeza do jeca* e *Lampião de gás*) ao Nordeste de Luiz Gonzaga (*Ferrô de cabo a rufo*, com uma citação de *Baião*).

Ginga no tema de capoeira *Paranaê*, num duelo com os negaccios do berimbau, encerrado na narração do gol de Bebeto na vitória do Brasil contra os Estados Unidos, na Copa. Perelman cria até uma representação sonora para a traumática expulsão do jogador Leonardo em *Red card*, o popular cartão vermelho, outro signo de massa que ele refina em sua arte de estirpe.



Michael Wilderman

Ivo Perelman desconstrói Villa-Lobos em *O homem da floresta*, que será lançado dia 28